

IMPACTOS DA CONSTRUÇÃO DO PORTO DE PARANAGUÁ NA ALIMENTAÇÃO E CULTURA DOS GUARANI MBYÁ

Impacts of the Construction of the Port of Paranaguá on the Diet and Culture of the Guarani Mbyá

Alessandro Ailton Muller¹, Mila Cortes Chacon de Oliveira², Nathalia Cadore e Silva³ & Ricardo de Amorim Cini⁴

RESUMO

A alimentação manifesta grande parte da identidade étnica de um grupo, evidenciando a cultura de um local. A população indígena Guarani *Mbyá*, localizada na região do litoral do Paraná, tem sua cultura ameaçada, em decorrência dos impactos que o Porto de Paranaguá causa em seus hábitos alimentares. Este artigo analisou os impactos do Porto de Paranaguá sobre a alimentação da população indígena Guarani *Mbyá* no litoral paranaense. Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, foram identificados os alimentos impactados pelas atividades portuárias e os elementos tradicionais da dieta dessa comunidade. Os resultados apontam uma redução significativa na disponibilidade alimentar, como peixes e vegetais nativos, e a introdução de insumos industrializados que alteram suas práticas tradicionais. Conclui-se que esses impactos transcendem a subsistência, afetando profundamente a cultura alimentar e a identidade sociocultural dos Guarani *Mbyá*. Políticas públicas e ações de preservação ambiental são indispensáveis para mitigar os efeitos negativos e garantir sua autonomia.

PALAVRAS-CHAVE

Alimentação; Guarani Mbyá; Porto de Paranaguá; Cultura Alimentar.

ABSTRACT

Food expresses a significant portion of the ethnic identity of a group, highlighting the culture of a locality. The Guarani Mbyá indigenous population, located in the coastal region of Paraná, faces cultural threats due to the impacts of the Port of Paranaguá on their dietary habits. This article analyzes the impacts of the Port of Paranaguá on the diet of the Guarani Mbyá indigenous population in the Paraná coast. Through a narrative bibliographic review, the foods impacted by port activities and the traditional elements of the community's diet were identified. The results indicate a significant reduction in the availability of food sources, such as fish and native plants, and the introduction of industrialized inputs that alter their traditional practices. It is concluded that these impacts go beyond subsistence, deeply affecting the food culture and sociocultural

¹Alessandro Ailton Muller – Graduado em Gastronomia. Cozinheiro, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: alessandromuller0502@gmail.com.

²Mila Cortes Chacon de Oliveira – Graduada em Gastronomia. Cozinheira, Curitiba, PR, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4778422211062509>. E-mail: milacorteschacon@gmail.com.

³Nathalia Cadore e Silva – Graduada em Gastronomia. Cozinheira, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: nathcadore03@gmail.com.

⁴Ricardo de Amorim Cini – Doutor em Políticas Públicas. Professor de Gastronomia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2718922406425286> E-mail: ricardo.cini@pucpr.br.

identity of the Guarani Mbyá. Public policies and environmental preservation actions are essential to mitigate the negative effects and ensure their autonomy.

KEYWORDS

Food; Guarani Mbyá; Port of Paranaguá; Food Culture.

INTRODUÇÃO

O litoral do Paraná abriga sete aldeias indígenas, predominando a etnia Guarani *Mbyá*, especialmente na Ilha da Cotinga. Localizada em uma área protegida da Mata Atlântica, a ilha é lar de comunidades tradicionais de pescadores e indígenas, que enfrentam crescentes desafios em sua convivência com o meio ambiente (Funai, 2021). Apesar de sua riqueza cultural e ambiental, esses territórios são pressionados pela expansão do Porto de Paranaguá, o maior porto graneleiro da América Latina. Suas operações geram impactos profundos no meio ambiente e nas práticas culturais das comunidades indígenas locais (Onofre & Quadros, 2020).

Desde sua construção em 1935, o Porto de Paranaguá desempenha papel central no escoamento de produtos agrícolas, tornando-se um dos maiores portos graneleiros do mundo. Contudo, seu crescimento acelerado trouxe sérios desafios socioambientais, que afetam principalmente as comunidades indígenas e tradicionais. Principalmente a partir dos anos 1980, as atividades portuárias têm alterado profundamente os padrões de vida dos habitantes locais, em particular, devido à especulação imobiliária, à pressão fundiária e à degradação ambiental. O crescimento urbano e as atividades do porto resultaram em desmatamento, assoreamento dos manguezais e na poluição dos corpos d'água, o que afetou diretamente a biodiversidade local e, consequentemente, a alimentação e o modo de vida das populações indígenas e comunidades tradicionais (Machado, 2012; Silva, 2006).

Os impactos ambientais não afetam apenas a biodiversidade, mas também a alimentação tradicional dos Guarani *Mbyá*, elemento essencial de sua identidade cultural. Alimentos como milho, mandioca e mel não apenas sustentam a subsistência, mas também carregam significados espirituais e sociais, que estão ameaçados pelas mudanças no ecossistema. A perda de acesso a esses alimentos tradicionais compromete não apenas a segurança alimentar, mas também a preservação de práticas culturais milenares (Barth, 1988; Tempass, 2008).

O Porto de Paranaguá, com suas operações de dragagem e o aumento do tráfego marítimo, tem afetado diretamente os ecossistemas marinhos e terrestres da região, modificando as condições de pesca e cultivo tradicionais. Espécies de peixe que antes eram abundantes no litoral, como a pescadinha e o linguado, diminuíram consideravelmente devido ao assoreamento dos manguezais e à poluição das águas. Além disso, a expansão urbana relacionada ao porto tem pressionado os recursos naturais da região, resultando na diminuição das áreas de cultivo de alimentos tradicionais, como o milho, a mandioca e o mel. Essas alterações não se limitam apenas aos aspectos físicos e ambientais, mas se estendem ao campo social e cultural, alterando as práticas alimentares e o modo de vida dos Guarani *Mbyá* (Onofre & Quadros, 2020; Mayer, 2021).

Diante desse cenário, este estudo analisou o impacto na biodiversidade e alimentação dos Guarani *Mbyá* decorrente das atividades do Porto de Paranaguá, afetando sua cultura alimentar e práticas tradicionais. Fundamentado em revisão bibliográfica narrativa, o trabalho explora as consequências ambientais e socioculturais desse processo, destacando a relevância da alimentação para a identidade e a preservação das tradições indígenas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem exploratória, voltada para mapear os impactos das atividades do Porto de Paranaguá na alimentação e cultura dos Guarani *Mbyá*. Essa abordagem é adequada para fornecer um panorama inicial sobre os efeitos das operações portuárias em uma comunidade indígena específica, buscando compreender suas implicações ambientais e culturais. A exploração desse tema se justifica pela escassez de estudos detalhados sobre como a expansão portuária impacta diretamente práticas alimentares e culturais de povos indígenas específicos, como os Guarani *Mbyá*.

A pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica narrativa, que analisa e sintetiza informações de artigos acadêmicos, livros, relatórios técnicos e publicações especializadas. Essa metodologia permitiu integrar diferentes perspectivas sobre os impactos ambientais, culturais e socioeconômicos das atividades portuárias, oferecendo uma visão ampla e crítica do tema. A abordagem narrativa também oferece flexibilidade na análise, uma vez que não busca uma simples categorização das fontes, mas uma construção interpretativa, que contextualiza e conecta as informações de forma crítica.

As fontes selecionadas foram priorizadas por sua relevância e qualidade, considerando estudos sobre a relação entre atividades portuárias, mudanças ambientais e impactos em comunidades tradicionais. Incluem-se publicações acadêmicas, dissertações e teses nas áreas de Antropologia, Estudos Ambientais e Ciências Sociais, que discutem a alimentação indígena e os desafios enfrentados pelos Guarani Mbyá. Relatórios de organizações ambientais e governamentais foram incluídos para complementar os estudos acadêmicos, fornecendo dados empíricos sobre os impactos da dragagem e da expansão do Porto de Paranaguá. Essas fontes destacam mudanças na biodiversidade e seus efeitos na alimentação e nos recursos naturais locais, contribuindo para uma análise abrangente.

Para a coleta de dados, utilizou-se a plataforma Google Acadêmico, escolhido devido à sua abrangência e acessibilidade a artigos e publicações de revistas científicas, dissertações e relatórios de organizações especializadas. Além disso, sua utilização permite acessar uma variedade de fontes internacionais e nacionais que são pertinentes para a análise, garantindo que a revisão bibliográfica seja baseada em fontes de alta qualidade e credibilidade.

A análise das fontes foi conduzida de forma crítica e integrada, agrupando informações em três categorias principais: impactos ambientais das atividades portuárias, alterações nas práticas alimentares e culturais dos Guarani Mbyá, e efeitos socioeconômicos. Cada fonte foi examinada para identificar dados e argumentos relevantes, permitindo comparações que destacaram consistências, divergências e lacunas nos estudos existentes.

A partir dessa análise comparativa, foram elaboradas duas tabelas que sintetizam os principais resultados da revisão. A Tabela 1 apresenta alimentos tradicionais e endêmicos da Mata Atlântica que ainda são cultivados pelos Guarani Mbyá, como o milho, a mandioca, o mel e a carne de caça. A Tabela 2 lista os alimentos mais impactados pelas atividades do Porto de Paranaguá, como a diminuição de determinadas espécies de peixe e mariscos devido à dragagem e poluição das águas. Essas tabelas foram criadas para fornecer uma visão clara e objetiva dos alimentos afetados, assim como daqueles que permanecem fundamentais para a dieta tradicional da comunidade.

O processo de organização das informações seguiu uma metodologia de categorização que permitiu agrupar as fontes por temas e, dentro de cada tema, identificar as informações que mais diretamente se relacionavam com o objetivo central do estudo. As fontes foram, então,

comparadas entre si para identificar tendências e padrões, como a crescente diminuição de recursos alimentares tradicionais e a adaptação crescente da comunidade ao consumo de produtos industrializados. Esse processo analítico não apenas descreveu os impactos de forma pontual, mas procurou entender as causas subjacentes, como a destruição de habitats naturais e a degradação dos ecossistemas marinhos e terrestres.

A síntese dos dados gerada pela revisão bibliográfica e pela organização das informações visou oferecer uma compreensão holística dos impactos causados pelo Porto de Paranaguá na alimentação e cultura dos Guarani Mbyá. Essa abordagem permitiu destacar a complexidade dos processos de transformação social, cultural e ambiental que a comunidade está enfrentando, e proporcionou uma base sólida para a reflexão crítica sobre as alternativas e soluções que podem ser adotadas para mitigar esses impactos.

HISTÓRIA DO PORTO DE PARANAGUÁ

O Porto de Paranaguá começou a surgir quando, em 1617, o bandeirante Gabriel de Lara, em busca de ouro, fundou um povoamento na atual Ilha da Cotinga. Logo, sua população foi transferida para as margens do rio Itiberê, uma vez que apresentava um terreno muito fértil e as embarcações ficavam seguras de ventos e possíveis inimigos. Conforme a exploração dos rios presentes na região, foram achadas as esperadas minas de ouro, e assim, para o escoamento de sua produção, foi erguido um terminal de embarque pelas margens dos rios Itiberê e Emboguaçu (Caneparo, 2000).

Após o ciclo do ouro, a movimentação desses rios se deu pelo comércio da erva-mate e, mais tarde, pela extração de madeira, necessitando, assim, a construção de um novo porto para suprir o fluxo de mercadorias que era solicitado, o qual aumentou ainda mais com a construção da Ferrovia Curitiba-Paranaguá, em 1885 (Machado, 2012).

Em 1917, o governo do estado do Paraná começou a administrar o porto e, então, em 1935, o Porto de Paranaguá foi oficialmente inaugurado. Assim, em 1947, foi criado o órgão estadual atualmente denominado Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA), visando aumentar sua capacidade e seu espaço operacional (Kubiak, 2014).

De acordo com Caneparo (2000), na década de 1950, devido ao aumento significativo das exportações de café, ocorreu um forte crescimento na parte norte da cidade, que já enfrentava problemas de infraestrutura, como deficiências nos serviços de transporte e falta de energia

elétrica. Esse crescimento do porto atraiu a população rural, resultando em um desequilíbrio social e espacial na cidade (Caneparo, 2000).

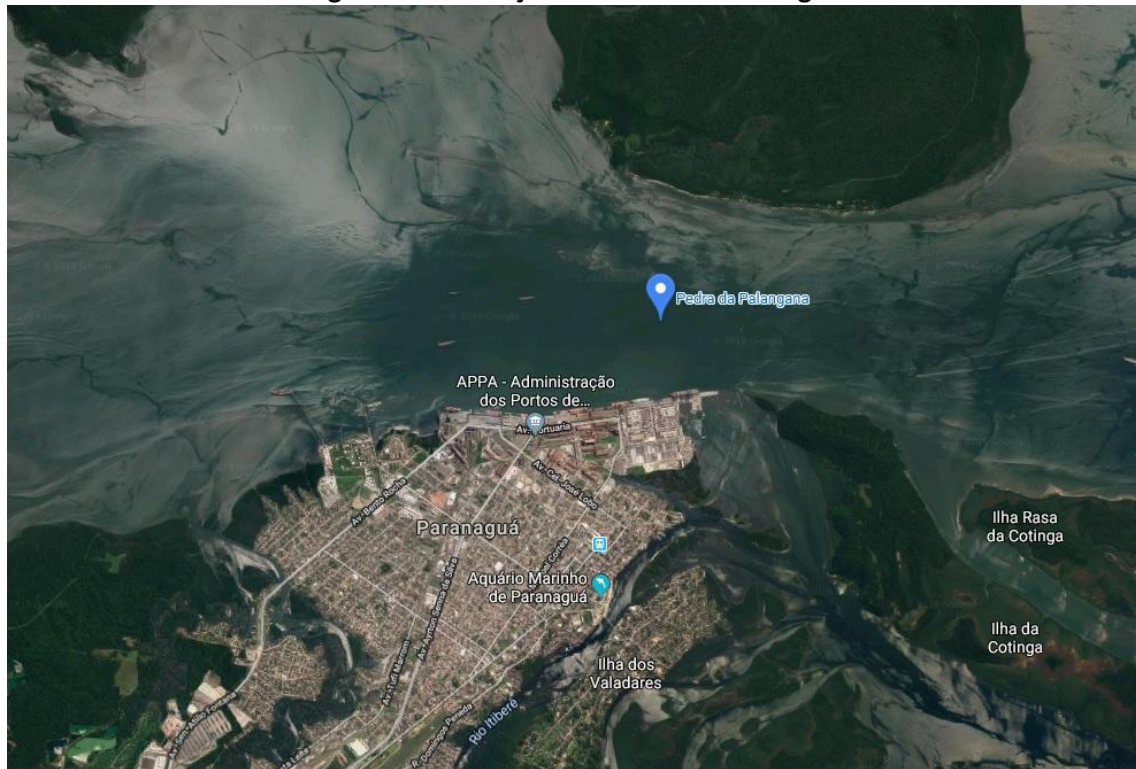
O território onde se localiza o Porto de Paranaguá vem enfrentando mudanças há mais de 30 anos. Essas modificações se dão inclusive nos padrões de vida dos habitantes locais, e estão muito ligadas à especulação portuária e a pressão fundiária, que atuam com intenção de retirada dos locais de seus terrenos, a fim de dar espaço ao Porto (Silva, 2006). Abaixo, as figuras mostram a localização da Ilha da Cotinga, que aparece destacada na Figura 1, ao lado do município de Paranaguá, onde o porto se localiza (melhor visto na Figura 2).

Figura 1. Terra indígena Ilha da Cotinga ao lado do município de Paranaguá



Fonte: Município de Paranaguá, s.d.

Figura 2. Localização do Porto de Paranaguá



Fonte: TVCI - Porto de Paranaguá, 2021.

Segundo Cunha (2018), a urbanização de Pontal do Paraná está fortemente ligada ao porto e a empresa que na época era responsável por ele, e se deu assim que ela se apropriou da costa, por meio de loteamentos. Isso se difundiu após 1948, ao ser enviado um ofício pela prefeitura de Paranaguá solicitando a transferência de posse gratuita, ou o que nomeou como "contrato de concessão" de 3 mil hectares de terra em Pontal do Sul, pedido esse que foi concedido. Três anos depois, o Estado do Paraná deu a prefeitura de Paranaguá o domínio das terras, e a então empresa responsável recebeu 4.303 hectares de terra (Cunha, 2018).

Desde então, dadas as condições de frequente pressão fundiária, comunidades locais que ocupavam tradicionalmente o território foram cerceadas a pequenas porções de terra, além disso, a posse das terras pela empresa trouxe frequentes episódios de violação de direitos. (Onofre & Quadros, 2020)

Já por volta de 1960, com a crise do café, houve também a construção de uma rodovia ligando o porto ao interior do estado, refletindo no aumento de desemprego na cidade - uma vez que, com os avanços tecnológicos necessários para solucionar a crise, as máquinas passaram a substituir a mão-de-obra – e, conseqüentemente, a ocupação de áreas insalubres, como os

manguezais. Por outro lado, a rodovia facilitou o escoamento da então vigente produção de soja e trigo, auxiliando no marco de maior produtor de soja sendo o Paraná, junto ao marco do Porto de Paranaguá ser considerado o maior porto exportador do grão alguns anos depois (Caneparo, 2000).

Durante os anos de 1980, foram abertos loteamentos pelas margens da BR-277 e PR-407, expandindo Paranaguá e aumentando a ocupação ilegal de áreas de proteção permanente (APP). Além disso, nos anos de 1990, começou a ser incentivada a privatização de organizações governamentais a fim de modernizar Paranaguá, aumentando os investimentos no Porto e, consequentemente, a queda das tarifas portuárias. Entretanto, conforme afirma Caneparo (2000, p. 119):

O porto, com a adoção de tecnologias dispensadoras de mão-de-obra menos qualificada, passa a desempenhar um papel à parte no contexto urbano, resultando em impactos socioambientais negativos (desemprego, crescimento do setor informal, ocupação do espaço público e preservado por leis, entre outros).

De 2004 a 2009, a ANVISA efetuou diversas ações contra a APPA por conta da precariedade de limpeza e conservação do Porto, uma vez que vários grãos eram desperdiçados durante a transferência de cargas, permitindo a proliferação de pragas urbanas. Além disso, o acesso marítimo ao Porto de Paranaguá também apresentava problemas ambientais. O assoreamento intenso do mar gerou diversas imposições desde 1999, pela necessidade de manutenção da área, trazendo propostas de dragagem até 2008, mas o processo, até então emergencial, só foi realizado em 2011, com a aprovação do IBAMA (Machado, 2012).

Junto a isso, havia também o projeto de derrocagem da Pedra da Palanga, mas ainda não possuía um estudo acerca dos impactos ambientais relacionados à obra. Em 2016, a obra foi autorizada pelo IBAMA, mas foi prorrogada por não haver, na licença, especificação dos estudos realizados e da comunicação entre as empreiteiras e as comunidades habitantes da região. Assim, com as manifestações que ocorreram em 2021 por conta da retomada da obra, suspenderam a dragagem de aprofundamento por poucos meses, a qual foi retomada no mesmo ano (Antunes, Morvan & Rasera, 2022).

O Porto de Paranaguá se caracteriza como um dos principais do país na movimentação de cargas, segundo o Boletim Portuário divulgado pela Antaq, do quarto trimestre de 2012, os

portos de Santos, Itaguaí, Paranaguá, Rio Grande e Itaqui movimentaram 221 milhões de toneladas, o que representa cerca de 70% da movimentação total de cargas nos portos brasileiros (Kubiak, 2014, p. 9).

Além disso, com registros da Massa (2022), no ano de 2021, os Portos do Paraná registraram um volume de carga movimentada em torno de 57,5 milhões de toneladas, abrangendo tanto importações quanto exportações. Dentre eles, o Porto de Paranaguá se destaca como o principal, com aproximadamente 56 milhões de toneladas movimentadas.

CONFLITOS AMBIENTAIS GEOGRÁFICOS CAUSADOS PELA CONSTRUÇÃO DO PORTO

Desde os anos de 1970, o Porto de Paranaguá vem se expandindo por conta da demanda por infraestrutura urbana em função do aumento do fluxo de mercadorias, decorrente da modernização da região Sul (Abrahão e Caneparo, 2014). A construção do Porto de Paranaguá trouxe diversos conflitos ambientais e geográficos para as populações indígenas e comunidades locais da região. Relacionados aos impactos socioambientais decorrentes das obras de infraestrutura, expansão e atividades do Porto, a degradação ambiental causada por tal, pela dragagem e derrocagem de canais, o derramamento de produtos pelos navios, a alteração do curso dos rios, a retirada da vegetação nativa e o aumento do tráfego marítimo, impactaram na biodiversidade local e nos costumes e condição de vida das comunidades (Antunes, Morvan & Rasera, 2022).

Ainda, como afirma Franco (2004, p. 12):

O litoral do Paraná tem sofrido grandes transformações nos últimos 30 anos, a partir do avanço do turismo e da urbanização, processo que afetou especialmente à população tradicional de pescadores que foram forçados a ceder ou compartilhar seu lugar "natural" com pessoas pertencentes a outro universo social e cultural. Também cresceram violentamente as atividades produtivas agrícolas que escoam seus produtos pelo porto de Paranaguá, gerando diversos processos e impactos, alguns dos quais afetam a pesca, como a grande circulação de barcos e a contaminação das águas.

Assim, os riscos de contaminação marinha por vazamento de produtos tóxicos aumentaram na região do Porto de Paranaguá, causando, conseqüentemente, a morte de diversos animais como peixes, caranguejos e aves, sendo necessária a ação de diversas ONGs para mitigar esse

problema (Krukoski, 2014). A exemplo, em 2023, o Porto de Paranaguá recebeu a maior carga de fertilizantes de sua história (Porto, 2023).

Além disso, as organizações sociais e ambientais vêm auxiliando os moradores afetados pelas construções e atividades do Porto de Paranaguá a garantirem seus direitos territoriais e o envolvimento nas decisões relacionadas às obras. Existem protocolos que determinam a importância da comunicação entre empreiteiras e comunidades locais para a realização de obras que afetem áreas protegidas, sendo esses conflitos objetos de protestos e reivindicações (Antunes, Morvan & Raser, 2022).

Outro aspecto responsável por reclamações é a dificuldade de mobilidade nas vias de acesso ao Porto, pois apresentam grandes filas de caminhões, atrapalhando o fluxo da cidade e causando conflitos entre veículos e pedestres e a movimentação e transferência de cargas. Esse tráfego também acarreta a perda de produtos, em sua maioria grãos, os quais permitem a proliferação de pragas urbanas (Miquilini e Lins, 2019).

10

INFLUÊNCIAS DO PORTO DE PARANAGUÁ NA FAUNA E FLORA DA MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é um dos biomas com maior variedade de espécies no mundo. O manguezal, por exemplo, é um dos ecossistemas localizados dentro desse bioma e que tem uma biodiversidade enorme. O mangue abriga várias espécies de mamíferos, répteis, crustáceos, aves, peixes, mamíferos marinhos, entre outros. Além disso, animais como a pescada-amarela, camarões e caranguejos dependem do mangue para o seu ciclo de vida. O robalo, por exemplo, usa o mangue como área de desova e de crescimento de seus filhotes (WWF, s.d.).

Uma análise de fotografias aéreas na região de Paranaguá relatou uma perda de 294 hectares de áreas de mangues no intervalo entre o ano de 1952 e 1996. Esse desaparecimento está diretamente relacionado com as atividades do Porto de Paranaguá, como a construção de armazéns e, principalmente, de moradias para populações com baixa renda. Essas pessoas foram realocadas nas regiões de mangues por serem terrenos mais baratos, já que devido aos ciclos econômicos pelos quais o porto passou, uma grande parcela da população acabou ficando mais pobre (Caneparo, 2001).

ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL DOS GUARANI MBYÁ INSERIDOS NA MATA ATLÂNTICA

A visão sobre a relação entre os Guarani *Mbyá* e a alimentação vai além de uma simples necessidade nutricional, incorporando um profundo significado cultural e espiritual. De acordo com Felipim (2001), a tradição oral dos Guarani *Mbyá* transmite que, quando *Nhanderú*, a divindade criadora, colocou o ser humano na Terra, ele também provê as plantas necessárias para sua sobrevivência. Elementos como o milho (*avaxi ete'i*), a mandioca (*mandiô juí*) e a batata-doce (*manduvi juí*) foram designados como alimentos essenciais para os Guarani. A narrativa revela que, no passado, os Guarani viviam em estreita conexão com a natureza, caçando e coletando alimentos diretamente da mata, sem o uso de ferramentas, como o *yxó* (larvas de insetos), o *pindó* (palmeira) e diversas frutas (Felipim, 2001, p. 37).

A história continua relatando um episódio em que um indígena, ao encontrar uma área aberta na mata, fez uso do fogo para preparar o terreno, e no dia seguinte, após uma chuva forte, encontrou uma abundância de novas plantas, como milho, melancia e abóbora, que haviam brotado no local. Essa experiência foi vista como um presente de *Nhanderú*, que derramou as plantas sagradas para garantir a subsistência do povo. A partir desse momento, o indígena começou a cultivar e preservar essas plantas, considerando-as fundamentais para a continuidade de sua cultura alimentar, e que nunca deveriam se perder (Felipim, 2001, p. 37).

Esse relato destaca a importância dos alimentos não apenas como fontes de sustento, mas como elementos carregados de significados espirituais e culturais. Para os Guarani *Mbyá*, os alimentos têm um valor profundo que transcende a mera nutrição e está diretamente ligado à sua cosmovisão e aos rituais religiosos. De acordo com Tempass (2005), os rituais relacionados à pesca, caça e horticultura, praticados pelos Guarani, são ensinamentos de *Nhanderú* e representam formas de conexão espiritual com a Terra e com os ancestrais. Essas práticas alimentares estão imersas em um contexto cultural e religioso que reforça a identidade e a resistência do povo Guarani *Mbyá* frente às mudanças externas.

De acordo com Mayer (2021) o *avaxi ete'i*, ou o milho, é em muitos aspectos o insumo de maior importância para os Guarani *Mbyá*, pois, além de fundamental na base alimentar, é atribuído a ele forte significado atrelado ao calendário religioso-social.

Figura 3. Espigas de milho colhidas da Ilha da Cotinga



Fonte: Mayer, 2021.

Além do milho, há ainda outro exemplo de alimento com tanta importância para essa população. O *pindó*, uma palmeira de onde é possível extrair palmito, um fruto como um coquinho laranja, e as larvas, que crescem na palmeira e também são parte de sua alimentação. Ainda segundo Mayer (2021), essa importância está relacionada à crença de que o *pindó* antecede a existência dos *Mbyá* e simboliza a origem de tudo.

A autora Mayer (2021) apresentou em sua pesquisa alguns relatos de experiências em que observou e descreveu hábitos alimentares, técnicas e utensílios, e obtenção dos alimentos utilizados pelos Guarani *Mbyá* na Ilha da Cotinga. Nesse estudo, ela apontou a restrição ao acesso à energia elétrica na ilha, onde o armazenamento de alimentos perecíveis é feito em caixas de isopor abastecidas com gelo. Esses alimentos são comumente temperados com pouco sal, cebola e algum tempero pronto e industrializado de sal, pimenta e alho. A preparação dos alimentos é realizada em fogueiras, diretamente na brasa, com o auxílio de panelas ou em fogões a gás.

Os alimentos observados incluem feijão, arroz, peixes, carnes de caça e batata-doce. A batata doce é enterrada e assada no calor da fogueira, onde fica macia e o doce realça, esse é um sabor apreciado pelos *Mbyá* que se difere dos povos indígenas da Amazônia, onde o sabor amargo é preferido em relação ao doce (Mayer, 2021). A ingestão desse sabor se dá ainda de outras formas, como no café, passado diariamente e adoçado com açúcar, e em uma bebida observada

pela autora, uma espécie de chá de capim-limão, onde o açúcar é caramelizado na brasa incandescente, misturado com água (Mayer, 2021).

Além do capim-limão, destacado como medicinal na cultura Guarani *Mbyá*, outras ervas são citadas no levantamento realizado pelo autor Bento (2023), como o manjerição, a manjerona e a erva-de-santa-maria, a melissa e o picão.

Ademais, o chimarrão é uma bebida amplamente apreciada pelos Guarani *Mbyá*, sendo consumido logo pela manhã, como a primeira ingestão do dia. A preparação do chimarrão consiste na infusão da erva-mate com água fervente, que marca o início da rotina alimentar da comunidade. Após o chimarrão, a refeição inicial do dia geralmente é composta por uma combinação de feijão cozido, ovos fritos ou cozidos, e *xipá*, uma massa simples feita a partir de uma mistura de trigo e água, amassada à mão e aberta em discos de espessura variável. A massa pode ser finalizada de diferentes maneiras, sendo preparada no calor da frigideira ou frita em óleo, dependendo da preferência (Mayer, 2021).

A última refeição geralmente ocorre antes das 18 horas, sendo habitual a abstinência de alimentos após esse horário, com exceção do uso de tabaco. Essa refeição final poderia incluir frango, peixe ou ovos, acompanhados de arroz, batata-doce, *rorá* (farinha de milho cozida com água até atingir a consistência de uma farofa macia e flocada) ou *reviro* (similar ao *rorá*, porém preparado com farinha de trigo) e acompanhado de arroz e feijão ou ovos, e *mbojape*, que é semelhante ao *xipá* citado anteriormente, porém esse é finalizado na brasa. O *mbojape* é também comumente acompanhado de cozido de peixe (Mayer, 2021).

Na região existe ainda várias árvores frutíferas nativas, onde é possível encontrar goiabas, abacaxis, limão-rosa, araçá e banana. Algumas plantas inclusive são cultivadas, como mandioca, amplamente encontrada nas roças, melancia, amendoim, abóbora, cana de açúcar e o milho (Mayer, 2021).

O fisális, ou *Acamapú*, do tupi guarani "fruto com capa ou cobertura que estala" (Carriço, Vieira & Abreu 2021, p. 60), tem ocorrência na ilha da Cotinga, juntamente com pés de amendoim (Mayer, 2021). O mel provém de uma abelha sem ferrão nativa, a jataí, e é tido como alimento tradicional para os Guarani *Mbyá*, assim como todo alimento retirado da mata por seus antepassados (Tempass, 2008). Os alimentos tradicionais da cultura Guarani e endêmicos da

Mata Atlântica, foram elencados na tabela abaixo para melhor visualização da análise da literatura (Tabela 1).

Tabela 1. Alimentos tradicionais da cultura Guarani e endêmicos da Mata Atlântica		
Alimentos	Observações	Referências
Milho, mandioca, amendoim, palmito, batata-doce, feijão, mel, peixes e carne de caça	“São reconhecidos pelos Guarani como os alimentos básicos de sua culinária tradicional.”	Paiva, 2016.
Mel	Produto importantíssimo na gastronomia Mbyá-Guarani, por isso iniciaram a prática da apicultura.	Tempass, 2005.
Araçá, mandioca, milho, cará, batata doce, amendoim, peixes, capivaras, porco do mato, tamanduá, veado, tatu, quati, cutia, paca, palmito, larvas e mel	Considerados alimentos tradicionais, pois eram insumos que seus antepassados retiravam da mata para consumo.	Tempass, 2008.
Alecrim, alfavaca, alfavaca doce, arnica, arruda, artemísia, avenca, badana, babosa, bambu, calêndula, camomila, cana do brejo, canela, capim rosário, carqueja, cheiro de mulata, capim cidreira, confrei, Damiana, dente de leão, erva alfazema, erva baleeira, erva de cuitelo, erva de unha de gato, erva de sapo, erva de santa maria, erva doce, espinheira santa, eucalipto, funcho, gengibre, gervão, guaco, guaraná, guiné, hortelã, louro, losna, malva, manjerição, manjerona, melissa, mil folhas, noz moscada, orégano, pariparoba, pata de vaca, o, poejo, quebra-pedra, sabugueiro, tanchagem, urtiga, urucum e verbena	Plantas medicinais na mata do território Guarani.	Bento, 2023.

Fonte: Os autores, 2023.

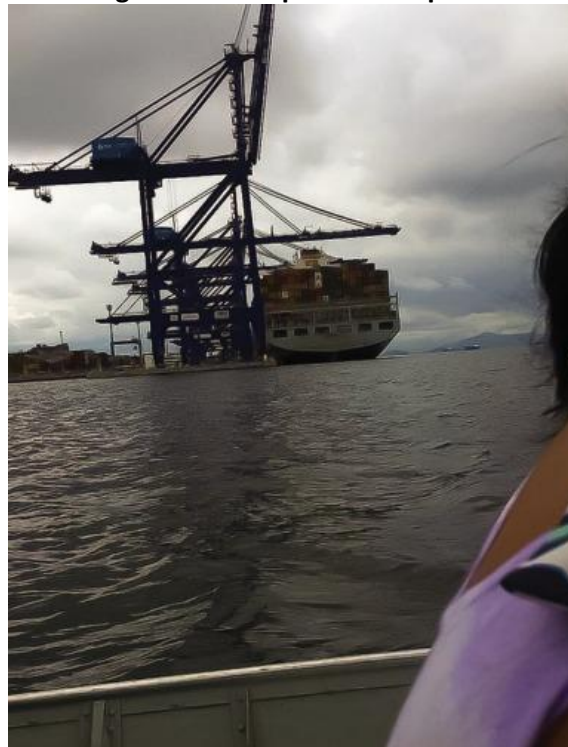
IMPLICAÇÕES DAS OPERAÇÕES DO PORTO DE PARANAGUÁ NA ALIMENTAÇÃO GUARANI
MBYÁ

As comunidades da região do litoral paranaense relataram uma diminuição na ocorrência de espécies como linguado, pescada, corvina e paru. A dragagem é apontada por pescadores como a causadora do sumiço das espécies aquáticas (Onofre & Quadros, 2020). Ela consiste em retirar a areia do fundo do mar, para possibilitar a passagem de navios de grande porte, e realocá-la. O grande problema é que muitas vezes essa areia é depositada em lugares que servem como

habitats de várias espécies, fazendo com que estes tenham que abandonar o local para sobreviver.

O paru, por exemplo, é uma espécie de peixe que se alimenta do limo do baixio, que por sua vez é invadido pela areia decorrente da dragagem. Com o limo soterrado, o peixe fica sem comida e acaba deixando a região. Além disso, houve uma redução significativa na ocorrência de ostras, sururus, bacucus e mexilhões, causada pelo assoreamento dos mangues, consequência direta das atividades de dragagem (Onofre & Quadros, 2020).

Figura 4. Pesca próximo ao porto



Fonte: Mayer, 2021.

A revisão bibliográfica demonstrou quais animais estavam sofrendo uma diminuição na ocorrência na área devido às atividades portuárias. A partir da análise dos dados coletados, surgiram referências significativas sobre a interação entre a atividade portuária e a alimentação da população indígena Guarani *Mbyá*.

Nesse contexto, destaca-se a importância do milho, um ingrediente central na dieta dos Guarani *Mbyá*, que, além de ser amplamente utilizado como base alimentar, carrega um profundo significado cultural e religioso. O milho desempenha um papel crucial nos calendários religiosos

da comunidade, sendo associado a grandes festas anuais, celebradas especialmente durante sua colheita (Filipim, 2001). Entretanto, a produção de milho transgênica escoada pelo porto, a qual, por contaminação por proximidade, modificam a estrutura genética dos milhos locais, se torna uma ameaça a biodiversidade e a cultura alimentar local (Boechel e Kowalski, 2020).

Ainda, a diversidade de ingredientes presentes na cultura alimentar *Mbyá* simboliza a importância e a necessidade de preservar a mata. A Mata Atlântica sofre de uma insistente predação, onde estima-se que não exista mais de 15% da mata original, o que afeta diretamente a fauna e a flora nativa (Mayer, 2021), e a diversidade deste bioma brasileiro.

Como mencionado, o mel é tido como alimento tradicional para os Guarani *Mbyá* (Tempass, 2008). Proveniente de abelhas sem ferrão, são responsáveis por polinizar centenas de espécies de plantas, mas a redução da Mata Atlântica, e as alterações de ecossistemas vitais, afetam essa polinização (Barbosa, 2020).

A urbanização tem se mostrado também um fator significativo na diminuição da diversidade de abelhas nativas, principalmente devido à redução das áreas protegidas e à alteração na composição floral. Estudos indicam que as áreas urbanas apresentam uma abundância muito menor de flores, o que impacta diretamente na oferta de recursos para as abelhas (Gomes, 2022).

Outrossim, as bananeiras também se fazem presentes na Ilha da Cotinga, e são alvo de predação por invasores, que extraem os cachos para comercializar (Mayer, 2021). Os alimentos impactados pelo Porto de Paranaguá da base alimentar Guarani *Mbyá*, foram elencados abaixo para melhor elucidação (Tabela 2).

Tabela 2. Alimentos impactados pelo Porto de Paranaguá da base alimentar Guarani Mbyá

Alimentos	Observações	Autor
Pescadinha, pescada, linguado, paru, corvina, ostras, mexilhões e sururus	Diminuíram por conta da dragagem. O paru, por exemplo, se alimenta de algas no baixo da costa, a dragagem mal direcionada soterra o alimento desse peixe, que por consequência, abandona o local.	Onofre & Quadros, 2020.
Caranguejos	Mortos em decorrência da contaminação por produtos tóxicos na água.	Krukoski, 2014.
Tatu	As carnes de caça estão se tornando escassas.	Mayer, 2021.

Farinha de trigo, fubá, açúcar refinado e temperos prontos industrializados e aromatizados	Alimentos que chegaram às comunidades sendo incluídos em sua dieta alimentar.	Mayer, 2021.
Frango	Os Guarani <i>Mbyá</i> adquiriram a criação de galinhas e galos em sua cultura.	Mayer, 2021.
Ostra, bacucu, anchova, garoupa, linguado, sardinha, tainha, robalo, badejo e camarão	Diminuíram com as atividades do Porto.	Prefeitura de Paranaguá, 2015.
Pescadinha vermelha, cação, parambiju, bagres, prejereba, pescada branca, raia e xaréu	Desapareceram com as atividades do Porto, principalmente as dragagens.	Prefeitura de Paranaguá, 2015.
Milho (guarani: <i>avaxi ete'í</i>)	A produção de milho no Brasil é quase que totalmente derivada de transgênicos. A proximidade entre os cultivares de milho <i>Mbyá</i> das toneladas de milho escoadas pelo porto de Paranaguá, juntamente ao uso de agrotóxicos, representam grandes ameaças à existência desses plantios crioulos.	Mayer, 2021.
Fisális, amendoim, abóbora, mandioca, batata-doce, jerivá (<i>pindó</i>), melancia, melão, capim-limão e cana de açúcar	Alimentos plantados na Ilha da Cotinga, que sofrem pressão fundiária pelo porto.	Mayer, 2021.
Mel	“Antigamente se tinha mel em abundância, atualmente é raro consegui-lo, por falta de mato.”	Tempass, 2005.
Palmito e banana	Sua reprodução acaba ameaçada pela extração desenfreada para a comercialização, estimulada ainda mais pela presença do Porto.	Mayer, 2021.

Fonte: Os autores, 2023.

Dito isso, conclui-se que os Guarani *Mbyá* mantêm uma alimentação tradicional, com seus pratos como base, e apesar de observar adaptações com alguns ingredientes urbanos – como a farinha de trigo processada – é possível afirmar que o sistema culinário dos Guarani *Mbyá* permanece e resiste (Silva; Godoy, 2014 apud Dornelas, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos decorrentes da construção e operação do Porto de Paranaguá vão além das questões ambientais e econômicas, afetando profundamente a cultura alimentar e as práticas de subsistência da população indígena Guarani *Mbyá*. A pesquisa evidenciou que elementos centrais da alimentação tradicional, como o milho, a mandioca, o mel e as carnes de caça, estão

ameaçados por alterações no ecossistema local, provocadas por atividades portuárias, incluindo dragagem, poluição e desmatamento.

Além da redução de alimentos tradicionais, observou-se a introdução de insumos industrializados e práticas alimentares externas, que alteram a dieta e podem levar à perda de elementos culturais e simbólicos associados à alimentação. Essas mudanças destacam a fragilidade da segurança alimentar e cultural das comunidades indígenas diante das pressões econômicas e ambientais.

Para mitigar esses impactos, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas que priorizem a preservação ambiental e o reconhecimento dos direitos indígenas. Entre as ações recomendadas estão: a criação de áreas protegidas para garantir o acesso sustentável aos recursos naturais, a regulamentação mais rigorosa das atividades portuárias e a valorização do conhecimento tradicional em estratégias de desenvolvimento sustentável. Essas iniciativas podem não apenas proteger os recursos naturais indispensáveis à subsistência dos Guarani Mbyá, mas também fortalecer sua autonomia cultural.

Adicionalmente, este estudo evidencia a necessidade de expandir o escopo de investigações para outras comunidades indígenas no Brasil e em outros países, cujas culturas e territórios estejam igualmente impactados por grandes projetos de infraestrutura, especialmente portuária. Exemplos relevantes incluem as comunidades indígenas no entorno do Porto de Itaqui (Maranhão), afetadas pela exportação de grãos e a expansão industrial na região e povos indígenas do entorno do Porto de Santarém (Pará), cuja pesca e agricultura são comprometidas pela navegação e escoamento de commodities.

Estudos comparativos entre essas populações poderiam oferecer um panorama mais abrangente dos impactos das infraestruturas portuárias nas culturas indígenas, além de identificar boas práticas que possam ser replicadas em diferentes contextos. A análise de estratégias de resistência e resiliência adotadas por essas comunidades pode contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis.

Ao reforçar a importância de compreender os impactos da modernização econômica sobre comunidades tradicionais, o presente estudo destacou a necessidade de diálogos intersetoriais e a valorização do conhecimento indígena. Pesquisas futuras podem explorar estratégias para

fortalecer a resiliência cultural dessas comunidades frente às pressões externas, ampliando a compreensão das relações entre desenvolvimento, preservação ambiental e identidade cultural.

REFERÊNCIAS

- Abrahão, C. M. S., Caneparo, S. C. (2014). Porto de Paranaguá – Entrelaces históricos e configuração territorial. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. [Link](#)
- Antunes, B. Morvan, I. Raser, R. (JAN 2022). Entre mangues e navios: Destruição e impactos ambientais causados pelo Porto de Paranaguá. *Jornal Comunicação UFPR*. [Link](#)
- Barbosa, M. M. (30 MAR 2020). A importância da Mata Atlântica para abelhas sem ferrão. *Revista A.B.E.L.H.A.* [Link](#)
- Barth, F. (1988). Grupos étnicos e suas fronteiras. In P. Poutignat & J. Streiff-Fenart (Orgs.), *Teorias da etnicidade* (pp. 185-228). Ed. Unesp. [Link](#)
- Bento, L. P. (2023). Plantas medicinais na cultura Mbyá Guarani: Uma revisão bibliográfica nos trabalhos de conclusão de curso. Monografia em Educação no Campo: Ciências da Natureza, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil. [Link](#)
- Boechel, G., Kowalski, C. M. (2020) Biossegurança alimentar: organismos geneticamente modificados (OGMs), agrotóxicos e seus impactos na biodiversidade. In.: Scur, L., Gimenez, J. R., Burgel, C. F. (org.). *Biodiversidade, recursos hídricos e direito ambiental*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020. ISBN 978-65-5108-010-4. p. 68-77. [Link](#)
- Caneparo, S. C. (2000). Análise da dinâmica espacial da ocupação antrópica em Paranaguá/PR (1952-1996), através do uso de sistema de informações geográficas. *Revista RA'EGA*, (4), 111-130. [Link](#)
- Caneparo, S. C. (2001). Análise da dinâmica espacial e dos impactos ambientais causados pela ocupação antrópica em áreas de manguezais de Paranaguá – Paraná, através de técnicas de geoprocessamento. *Anais do X Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR*, pp. 561-566. [Link](#)
- Carriço, I. G. H., Vieira, G. H. S., Abreu, K. M. P. (2021). *Comida de verdade no campo e na cidade: Plantas alimentícias não convencionais da Mata Atlântica*. Edifes Acadêmico. [Link](#)
- Cunha, I. M. (2018). *Cidade, lei e desenvolvimento: Pontal do Paraná, uma estrada para o futuro?*. 124 f. Dissertação, Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. [Link](#)

Muller, A. A., Oliveira, M. C. C. de, & Cini, R. de A. (2025). Impactos da construção do Porto de Paranaguá na alimentação e cultura dos Guarani Mbyá. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 17(Dossiê Práticas Alimentares: Diálogos (Im)pertinentes), e170308. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v17ip170308>

- Dornelas, J. C. A., Ramires, M. (2020). Ñande Rekó: Um diálogo entre conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos Guarani Mbyá, na Reserva indígena Ribeirão Silveira em Bertiooga - SP. *Revista Abordagens*, 2(1), 9-25. [Link](#)
- Franco, A. C. N. P. (2004) *Caracterização da comunidade pesqueira de Antonina, Paraná*. Centro de Estudos do Mar, UFPR, Pontal do Paraná. [Link](#)
- Felipim, A. P. (2001). *O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: Um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, Município de Cananéia, SP*, Dissertação, Mestrado em Ciências, Universidade de São Paulo, Brasil. [Link](#)
- Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI. (2021). Funai apoia autonomia de comunidades indígenas no litoral paranaense. *Funai*. [Link](#)
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Atlas S/A. [Link](#)
- Gomes, P. A. (2022). *O efeito da urbanização e do fogo sobre comunidades de abelhas em áreas de cerrado do DF*. 76p. Dissertação, Mestrado em Zoologia, Universidade de Brasília, Brasília. [Link](#)
- Instituto Socioambiental – ISA. *De olho nas terras indígenas, Terra Indígena Ilha da Cotinga*, [s.d.]. [Link](#)
- Krukoski, K. (18 JAN 2014). Ong recolhe uma tonelada de animais mortos em rio de Paranaguá. *G1 Paraná*. [Link](#)
- Kubiak, S. M. R. (2014). Múltiplos olhares sobre o Porto de Paranaguá. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica (v.2). [Link](#)
- Machado, E. M. (2012). A formação e a trajetória do maior porto agroexportador do Brasil – Paranaguá. *Revista de Ciências Humanas*, 46(1), 233-252. [Link](#)
- Município de Paranaguá. (s.d.) *Anexo 25 – Mapa dos Bairros*. Paranaguá, PR: Município de Paranaguá, s.d. (7 f.). [Link](#)
- Mayer, N. (2021). *“Enquanto existir o Avaxi, vão existir os Guarani”: Culinária, território e política Mbyá em Tekoa Takuaty*. Dissertação, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Brasil. [Link](#)
- Miquilini, L. C., Lins, H. N. (2019) Relações cidade-porto em Paranaguá (PR): uma abordagem exploratória. *Textos de Economia*, UFSC, Florianópolis, 22 (2), 1-30. [Link](#)

Muller, A. A., Oliveira, M. C. C. de, & Cini, R. de A. (2025). Impactos da construção do Porto de Paranaguá na alimentação e cultura dos Guarani Mbyá. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 17(Dossiê Práticas Alimentares: Diálogos (Im)pertinentes), e170308. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v17ip170308>

- Onofre, E. V., Quadros, J. (2020). Conflito territorial e uma medida emergencial: a Comunidade Tradicional do Maciel inserida no Hotspot Floresta Atlântica, Pontal do Paraná, Litoral Paranaense. In A. R. Alves et al. (Orgs.), *Litoral do Paraná: Território e perspectivas* (pp. 77-99). [Link](#)
- Paiva, R. L. (2016). *Tebi'u Eté: Alimento sagrado Guarani*. Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó. [Link](#)
- Porto de Paranaguá descarrega o maior volume de fertilizante de um único navio na história. Agência Estadual de Notícias do Paraná, Curitiba, jan., 2023. [Link](#)
- Portos: a história do Porto de Paranaguá e a sua situação atual. Massa, 2022. [Link](#)
- Prefeitura de Paranaguá. (2015). Caracterização da Pesca Artesanal e Amadora na Área de Influência do Novo Porto - Paranaguá. *Prefeitura de Paranaguá*. [Link](#)
- Silva, D. M.; Godoy, M. G. G. (2014). Terra Sem Males: utopia e realidade nos discursos do mborai (cantos) Guarani Mbya. *Arte e Cultura da America Latina*, v. XXXI, 15-30.
- Silva, J. O. (2006). *Efeitos do avanço urbano-turístico e portuário em comunidades pesqueiras de Pontal do Paraná – PR*, Monografia, Graduação em Oceanografia, Universidade Federal do Paraná, Brasil. [Link](#)
- Tempass, M. C. (2005). *Orerémbiú: A relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani*, Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. [Link](#)
- Tempass, M. C. (2008). Comida e gênero entre os Mbyá-Guarani. *Caderno Espaço Feminino*, 19(1), 287-312.
- TVCI (2021). *Gaema de Paranaguá expede recomendações para que obras que beneficiarão portos de Antonina e Paranaguá reduzam impactos ambientais* [Reportagem online]. [Link](#)
- Vircahuaman, L. J. M., Silva Filho, J. L. V., Daniel, A. F. G., & Gaissler, M. A. L. (2006). Caracterização das condições sociais, econômicas e culturais da Comunidade Indígena Mbyá Guarani para o desenvolvimento de sistemas agroflorestais na Ilha da Cotinga, Paranaguá, Paraná. *Embrapa Comunicado Técnico* 169. [Link](#)
- WWF. (s.d.). Mangue. *WWF Brasil*. [Link](#)